

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO
INTERDISCIPLINAR DE
ESTUDO E PESQUISA
DO IMAGINÁRIO
SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ISSN 1519-6674
ANO XIX
VOLUME 31
(JUL-DEZ)
2019
P. 360-379.

SABERES CULTURAIS DO BRINCAR TRADICIONAL: UMA EXPERIÊNCIA NA COMUNIDADE RIBEIRINHA DE ARRAIOL – ARQUIPÉLAGO DO BAILIQUE – AP

Priscilla Pantoja do Nascimento Brandãoⁱ
Mestre em Educação pela
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

Angela do Céu Ubaiara Britoⁱⁱ
Professora Adjunta no Colegiado de Educação na
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

RESUMO

O artigo trata dos saberes culturais relacionados ao brincar tradicional ribeirinho, na comunidade de Arraiol, arquipélago do Bailique – AP. Investiga-se: quais as contribuições do brincar tradicional como mediação da cultura infantil ribeirinha vivenciada pelas crianças de Arraiol? O trabalho objetiva compreender a contribuição do brincar tradicional como mediação da cultura infantil ribeirinha no cotidiano da comunidade de Arraiol, identificando sentidos, significados, peculiaridades que constituem o patrimônio cultural material e imaterial para a identidade do grupo. A metodologia se fundamenta no paradigma qualitativo, no uso da técnica denominada pesquisa de campo, que analisa o contexto por meio da observação, descrição e análise em detalhes das características de determinada população ou fenômeno, ou a declaração de relações entre essas variáveis. Analisa também os gestos, risos, expressões faciais, entre outros, subsidiado nas vivências e registros fotográficos. Utilizou-se no tratamento dos dados a Análise de Conteúdo que consiste em compreender o material que envolve o brincar e as culturas infantis ribeirinhas de Arraiol. Os resultados demonstram que o brincar tradicional se faz presente no cotidiano da comunidade. Também, apresentam índices de que os jogos, brinquedos e brincadeiras tradicionais dos ribeirinhos sofrem modificações ao longo do tempo, mas ainda são formas de mediar o

processo de aprendizagem da criança por meio das culturas infantis, as quais são características da comunidade ribeirinha que permeia ações através de artefatos sociais e culturais.

Palavras-Chave: Brincar tradicional; Culturas infantis; Comunidades Ribeirinhas; Multiculturalismo; História Oral.

ABSTRACT

The article deals with the cultural knowledge related to traditional riverside play, in the community of Arraiol, Bailique archipelago - AP. It is investigated: what are the contributions of traditional playing as a mediation of the riverine children's culture lived by the children of Arraiol? This paper aims to understand the contribution of traditional play as a mediation of the riverine children's culture in the daily life of the Arraiol community, identifying meanings, meanings, peculiarities that constitute the material and immaterial cultural heritage for the group's identity. The methodology is based on the qualitative paradigm, using the technique called field research, which analyzes the context through observation, description and detailed analysis of the characteristics of a given population or phenomenon, or the declaration of relationships between these variables. It also analyzes gestures, laughter, facial expressions, among others, subsidized in experiences and photographic records. Content analysis was used in the treatment of the data, which consists of understanding the material that involves playing and the Arraiol riverside children's cultures. The results show that traditional playing is present in the daily life of the community. Also, they present indexes that the traditional games, toys and games of the riverine people change over time, but they are still ways to mediate the learning process of the child through the children cultures, which are characteristics of the riverside community that permeates actions. through social and cultural artifacts.

Keywords: Traditional play; Children's cultures; Riverside Communities; Multiculturalism; Oral history.

INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como objeto de estudo o brincar e a cultura infantil, investigados em uma comunidade ribeirinha, denominada Arraiol, localizada no Arquipélago do Bailique. Propõe compreender os saberes culturais do brincar como um elemento de mediação por meio das narrativas dos moradores no que tange aos conhecimentos históricos, para entender como a criança constrói seu próprio conhecimento social e cultural.

A investigação também se refere ao estudo do multiculturalismo e da valorização identitária, o qual insere um elemento indispensável na infância - o brincar, haja vista que este comportamento está no ambiente característico da Região Amazônica que é a natureza. Torna-se pertinente então, buscar neste fato a compreensão de que tal espaço é rico de possibilidades, de construção de saberes e experiências. As crianças têm oportunidade de relacionar-se diretamente com os rios, animais, florestas – um ambiente propício à criatividade – construindo seus próprios brinquedos, jogos e brincadeiras, a partir de galhos, caroços, cipós, folhas, frutos e diversos outros materiais encontrados naquele território.

Neste sentido, busca-se entender a criança e a construção do seu próprio conhecimento social e cultural em relação ao brincar por meio de jogos, brinquedos, brincadeiras e atividades que envolvem as

culturas infantis. Estuda-se as peculiaridades das crianças e o ambiente de uma comunidade que apresenta as brincadeiras distintas as quais habitam nos meios urbanos. Portanto, abrangendo esses aspectos, a pesquisa propõe entender: quais as contribuições do brincar tradicional como mediação da cultura infantil ribeirinha vivenciada pelas crianças de Arraiol?

O objetivo deste trabalho compreende a contribuição do brincar tradicional como mediação da cultura infantil ribeirinha no cotidiano da comunidade de Arraiol, identificando sentidos, significados, peculiaridades que constituem o patrimônio cultural imaterial para a identidade do grupo. Assim, possibilita adentrar em um universo ribeirinho pouco investigado em relação ao brincar das crianças.

1. A CRIANÇA E O BRINCAR TRADICIONAL RIBEIRINHO

A brincadeiras como manifestação cultural possibilita a criança expressar suas experiências adquiridas na convivência com o mundo adulto. Para a criança, as experiências oportunizadas por meio do brincar, se constituem como um espaço de aprendizagem. Ao observar a realização de um jogo, é possível perceber que a criança exterioriza suas vivências, os acontecimentos que fazem parte de sua rotina e isso é um fator preponderante em todas as culturas, destacando a cultura lúdica da

população ribeirinha, onde essas experiências cotidianas são fortemente representadas em seus jogos, brinquedos e brincadeiras.

Para Tedesco (2016), o ambiente natural em que a criança ribeirinha está inserida possibilita o desenvolvimento do lúdico por meio do imaginário, repletos de mitos, lendas, crenças, sendo esses saberes transmitidos dos mais velhos para os mais jovens, todos esses fatores relacionados ao seu habitat, que se revelam diretamente no brincar.

O fato de conviver em um ambiente cercado pela natureza, com rios e florestas, faz com que a criança tenha uma relação íntima com a natureza, uma relação de pertencimento, o que faz com que em suas brincadeiras prevaleça o uso da imaginação, onde também, seu contexto lúdico “está intrinsecamente ligado aos mitos, lendas e brincadeiras que se originam da água e das riquezas naturais que a cercam. Entender o que representa para ela estes elementos, nos fará compreender seu universo lúdico e sua própria cultura” (ROJAS; FERREIRA, 2013 p. 10).

A criança ribeirinha constrói sua aprendizagem ao se relacionar com a natureza, isto é, brincando em um ambiente cercado por árvores, rios, flores, frutos, sementes, dentre outros, esse ambiente possibilita o desenvolvimento da criatividade da criança ao produzir seus próprios brinquedos, dando vida e identidade aos objetos no decorrer de suas brincadeiras. Tedesco (2016) afirma que

ser criança ribeirinha/pantaneira significa estar em contato direto com a natureza e com tudo que ela oferece. A criança de maneira espontânea evidencia a íntima relação entre o real e o imaginário cultivado com o rio, com as árvores e os bichos. Estes elementos estão sempre carregados de simbolismo e são fundamentais para a ludicidade infantil (TEDESCO, 2016, P.117).

A população ribeirinha possui uma rica cultura lúdica, que ainda é desconhecida pela maioria do restante da população. As brincadeiras das crianças ribeirinhas expressam suas culturas particulares, seus costumes, seus modos de vida, sendo a natureza a principal fonte lúdica para essas crianças. É notável que os sujeitos ribeirinhos da Amazônia, possuem um modo de vida singular, uma vez que

363

[..] é marcado pela relação profunda com a natureza, vivendo em função da floresta e do rio, especialmente, deste último, elemento marcante que cria, ao mesmo tempo, vínculos e isolamentos entre as pessoas da região (HARRIS, 2000 *apud* TEIXEIRA 2013, P. 6).

Em uma pesquisa realizada por Reis, *et al.*, (2014), sobre brincadeiras em uma comunidade ribeirinha, constatou-se que as mais utilizadas pelas crianças eram realizadas na natureza, brincavam na mata e nos rios. Dentre as brincadeiras realizadas os autores destacam as de locomoção como, balançar em árvores de grandes portes, na qual pulavam de um galho para outro, se penduravam e pulavam no chão, essas brincadeiras são realizadas apenas por crianças maiores (REIS, *et al.*, 2014).

O ato de nadar no rio é muito utilizado nas brincadeiras infantis ribeirinhas, mas sempre sob supervisão de um adulto, as crianças realizam diversas brincadeiras na água, como natação, pira-pega, fazem barcos de madeiras como o miritizeiro que flutua na água, brincam também de salto mortal na maré cheia utilizando galhos de árvores como trampolim para dar pirueta e navegar de canoa ou casco, realizando competições (REIS, *et al.*, 2014).

A brincadeira de exercício com objetos destacada pelos autores é a jangada, na qual deveriam manter o equilíbrio sem afundar, o vencedor é quem permanece por mais tempo. Também fazem referência aos barquinhos, que são brinquedos confeccionados pelas crianças utilizando uma palmeira da região que mantem o brinquedo flutuante, essa brincadeira pode ser realizada individualmente, sem necessariamente precisar de outras crianças. Outra citada é o bole-bole uma brincadeira típica das comunidades ribeirinhas, o brinquedo é uma semente chamada olho-de-boi, essa brincadeira é realizada em grupo e vence quem jogar a semente para o alto e conseguir pegar todas com o dorso da mão, essa brincadeira é realizada por todas as faixas etárias (REIS, *et al.*, 2014).

Brinquedos de construção, que segundo os autores é o momento da confecção dos brinquedos com recursos naturais como miriti como é chamado popularmente a *Mauritia Flexuosa* e os troncos de matuti nome científico *terocarpusamazonicus Huber* e *P. officinalis*

Jacq, utilizados para confeccionar barcos, revólveres e espingarda, gaiolas, bonecos e celulares, carros que muitas vezes não fazem parte de seu contexto, mas são representadas na brincadeira como um desejo de possuir esses objetos (REIS, *et al.*, 2014).

Outro tipo de brincadeiras apresentada pelos autores são as simbólicas, de faz de conta que reproduzem a vida cotidiana dos adultos nas áreas ribeirinhas, como a caçada, brincadeira de casinha, incluído o gênero masculino em que os meninos caçavam para sustentar suas famílias e as meninas eram as donas de casa, faziam tabernas representando a venda de produtos de uso cotidiano, por meio de plantas da região, pesca, utilizando folhas para representar peixes, fazendas, onde utilizam sementes e frutos não comestíveis para representar bois, fazem também serrarias, que é uma forma de trabalho ainda muito presente nas comunidades e que são representadas pelas crianças. E por fim, as brincadeiras de regras como pique-esconde, pique-pega, bandeirinha, futebol dentre outras que também fazem parte da cultura urbana (REIS, *et al.*, 2014).

As brincadeiras nas áreas ribeirinhas estão relacionadas de acordo com o contexto da criança, mas em geral essas são as que mais estão presentes nessas comunidades. Através da pesquisa desses autores, é possível perceber que a cultura, o meio em que se vive influencia diretamente nas brincadeiras que as crianças realizam, portanto o brincar pode ser

considerado fruto do meio cultural em que a criança reproduz práticas cotidianas em suas brincadeiras (NEGRINE, 2010).

Ao observar o cotidiano da criança, é possível perceber que ela expressa suas vivências por intermédio do brincar, reproduzindo acontecimentos que fazem parte de seu cotidiano e de seu contexto cultural e, portanto, ela representa em suas brincadeiras aquilo que internaliza a partir de suas vivências (NEGRINE, 2010).

Nesta direção, as brincadeiras são compreendidas como formas de a criança compartilhar suas experiências sobre situações corriqueiras do cotidiano, nas quais constrói sua autonomia, desenvolve capacidade criativa, criticidade, aprendendo a representar, interpretar, dando significado à sua realidade. As brincadeiras são fundamentais na vida da criança, pois, à medida que permitem-lhe expressar seus sentimentos, emoções e desejos, desenvolvem suas potencialidades. Assim, o brincar é também diretamente influenciado pela cultura, sendo a forma pela qual a criança compreende o mundo e o meio cultural em que está inserida (MORAES; OTTA, 2003).

A criança desenvolve-se culturalmente por meio brinquedos, brincadeiras e vivências lúdicas, nas quais reproduzem questões tanto da realidade que a cerca, quanto na utilização da sua imaginação que possibilita um sentido particular em suas ações. Moraes e Otta (2003) enfatizam sobre a relevância das diversas funções que as

brincadeiras proporcionam ao desenvolvimento humano, como: práticas de atividades e de funções sociais, comportamento flexível, tolerante, possibilitando também a aquisição de valores, normas e crenças da cultura em que a criança pertença.

Partindo dessa concepção, considera-se o brincar como um instrumento significativo que possibilita ao sujeito construir conhecimentos, identidade e cultura. No entanto, isso não ocorre de forma igualitária, pois as brincadeiras sofrem variações e se diferenciam conforme o contexto cultural em que os sujeitos estão imersos. Neste sentido, torna-se relevante ressaltar que o Brasil, por possuir uma extensa diversidade geográfica, possui também uma grande diversidade cultural e, portanto, uma diversidade de formas de brincadeiras, cada uma com sua especificidade (REIS *et al.*, 2014).

Desta forma, sendo a brincadeira um elemento culturalmente construído, o brinquedo por sua vez é um objeto fundamental no brincar que é manipulado de diferentes formas pelas crianças, o brinquedo varia de acordo com o ambiente ao qual o sujeito pertence. Ao longo da história o brinquedo encontra-se presente nas mais variadas formas de organização social, política, econômica e cultural e constitui-se como um elemento que proporciona momentos de distração, aprendizagem e prazer (SILVA, 2012).

A construção de brinquedo nos primórdios era feita de forma manual.

Entretanto, com a industrialização, os brinquedos passaram a ser construídos em fábricas com o uso de máquinas e instrumentos industrializados e assim passaram a ser produzidos em grande escala, para atender à demanda mercadológica e gerando mais lucros.

Os brinquedos industrializados passaram a predominar na sociedade. Todavia, apesar da predominância desses brinquedos no contexto atual, em muitos lugares ainda prevalece a utilização de brinquedos construídos manualmente, como no caso das comunidades ribeirinhas, que utilizam material artesanal para a confecção de seus brinquedos.

Oliveira (1984) considera que o brinquedo construído por materiais artesanais, é de grande relevância para a formação social do sujeito, por ser produto da criatividade humana, e não de máquinas. Dessa forma, o autor ressalta que

o fato de o brinquedo artesanal ainda se fazer presente numa sociedade dominada pela automação e, mais recentemente, pela informática testemunha não só o conflito entre polos antagônicos, mas também representa a negação, realizada por artesãos amadores e profissionais, em deixar parecer não apenas brinquedos, mas fundamentalmente, um modo de se expressar no mundo: aquele que resulta da habilidade manual (OLIVEIRA, 1984, p.18).

Nesta perspectiva, o uso dos brinquedos artesanais constitui-se como um elemento mantenedor cultural e se configura como uma forma de resistência a globalização. Desse modo, a confecção manual do brinquedo é fundamental

para preservação cultural, fazendo com que o sujeito permaneça como parte da sua cultura.

A confecção manual dos brinquedos pode ser realizada tanto por adultos, como por jovens e adolescentes que também costumam construir seus próprios brinquedos, dependendo do grau de dificuldade. A criança, ao manuseá-los, passa a atribuir-lhes seus próprios significados, de acordo com a sua imaginação e nesta perspectiva, os brinquedos são construídos e reconstruídos pelo sujeito, de acordo com seu meio cultural.

Silva (2012) destaca a utilização do fruto do miritizeiroⁱⁱⁱ para a confecção de brinquedos artesanais. Esse material é muito utilizado pelos ribeirinhos, sendo possível construir diversos tipos de brinquedos, como barcos, casas, espingardas, revólveres, dentre outros objetos que variam de acordo com a imaginação de quem está confeccionando. O uso do miriti vem sendo passado de geração para geração e está intimamente relacionado a cultura do caboclo ribeirinho.

De acordo com Loureiro (2012 *apud* SILVA, 2012) nesse cenário, os brinquedos existentes em sua maioria são feitos de miriti, mais precisamente da polpa da bucha de miriti, sendo esta, um tipo de palmeira bastante abundante na Amazônia. Assim, é possível afirmar que

por compreendermos que o brinquedo de miriti traz em sua constituição aspectos da vida humana como: a ludicidade, a cultura, a

religiosidade, a identidade e outros elementos que o tornam mais que um mero objeto de consumo, o tornam um brinquedo que expressa uma forma de ver o mundo e de viver neste mundo (LOUREIRO, 2012 *Apud* SILVA, 2012, p. 45).

Com base nesta concepção, a utilização do miriti não deve ser considerada apenas como uma representação de objetos, e sim como uma representação cultural das comunidades ribeirinhas, pois, através dele os sujeitos representam a realidade do cotidiano do povo em conexão com a natureza. Estudos realizados por Reis *et al.*, (2014) em uma comunidade ribeirinha, apontam que devido possuírem uma flora e fauna bastante abundante, os recursos naturais são muito utilizados para a produção dos brinquedos, esses recursos variam desde a utilização de árvores, sementes e folhas, recursos esses comuns para construir brinquedos a serem utilizados durante as brincadeiras que podem se dá de diversas formas, tanto em casa, como no rio e até mesmo na mata, no contato direto com a Natureza.

Os autores indicam ainda que além da utilização do miriti, outros recursos naturais também são utilizados, como as sementes da árvore denominada Buiuçú, as quais são chamadas de bole-bole, brincadeira muito comum da cultura ribeirinha, realizada tanto por crianças quanto por adultos, a semente da seringueira também é utilizada nessa brincadeira.

A utilização de árvores, como açazeiros para a construção de jangadas, constitui uma brincadeira de equilíbrio realizada no rio. Usa-se

também mangueiras, goiabeiras, utilizadas como balaços. Há que se registrar ainda a construção de maracá, feito com o ouriço da castanha-do-pará, que emite um som e é utilizado até mesmo para representar um instrumento musical. Confeccionam-se gaiolas que podem ser feitas de miriti ou jupati, utilizadas para prender passarinhos, uma prática bastante comum nas comunidades ribeirinhas (REIS *et al.*, 2014).

A confecção de bonecas é bastante praticada também na cultura ribeirinha, com as mães utilizando retalhos de tecidos para sua construção, sendo uma prática passada de geração à geração, pois muitas mães ensinam a suas filhas o processo de construção. Reis *et al.*, (2014) ressaltam também em seus estudos, a confecção de bonecas feitas de recursos naturais, como o tronco da bananeira e a utilização das talas de miriti ou de jupati para fazer os membros do corpo da boneca, os olhos feitos com caroços de açaí para sua representação e furos para o nariz e a boca, nas brincadeiras de casinhas feita por meninos e meninas; utilizam-se folhas para representar as comidas.

Reis *et al* (2014, p. 754) enfatizam que “os principais materiais identificados nessa brincadeira foram: palmeira da região, tronco de árvores, a vassoura do açaí, sementes”. Desta maneira, enfatiza-se que essas brincadeiras vão além da representação da vida cotidiana, sendo por meio dessas brincadeiras que as crianças expressam seus sentimentos e produzem cultura, se relacionando com o mundo em que vivem.

Considerando esses aspectos, é possível perceber que as brincadeiras realizadas nas comunidades ribeirinhas são reforçadoras de sua cultura, com a utilização de materiais regionais, para construção de brinquedos oriundos da natureza.

Nesta perspectiva, o brinquedo é essencial para a construção de conhecimento e desenvolvimento das habilidades da criança, permitindo que, por meio destas experiências práticas, elas sejam livres para definir seus limites e desenvolver suas próprias ações, propiciando sua interação com o mundo, recriando significados através das brincadeiras, deste modo, “os brinquedos e brincadeiras representam formas singulares de compreensão e apreensão do mundo pelas crianças. Alguns brinquedos são construídos em certos lugares, tanto pelos materiais disponíveis quanto pelo universo adulto com o qual crianças dialogam” (CARVALHO; SILVA 2018, p. 200).

A população tradicional, que vive nas margens dos rios, mais popularmente conhecida como ribeirinhos, habitualmente são povos menos abastados, afetados pela negligência política. O que caracteriza a cultura dessa população são suas formas de vida, a utilização de recursos naturais para sobrevivência, suas crenças e valores (LIMA, 2004).

Para maior compreensão dessa cultura, faz-se necessário uma revisitação histórica da formação e do surgimento dessa população. Os principais grupos que compõem uma comunidade ribeirinha são indígenas, imigrantes

portugueses, nordestino e a população negra (LIMA, 2004).

Ao longo da história da humanidade, a necessidade de sobrevivência levou o homem a fixar-se na natureza realizando atividades de plantação, pesca, caça e exploração de alguns recursos naturais, com uma cultura de uso. O processo de modernização do sistema capitalista passou a influenciar esses povos a explorar cada vez mais a natureza, entretanto, na região amazônica a população ribeirinha ainda tenta preservar essa cultura de uso, preservando assim suas formas de vida (LIMA, 2004).

Corroborando, Cruz (2006) enfatiza que a concepção da população ribeirinha na Amazônia é vista sob diferente prisma, o autor destaca três formas de concepção dessa população: a naturalista, tradicionalista ou romântica e a visão moderna.

A concepção naturalista concebe a Amazônia como sinônimo de natureza, devido à grande riqueza de recursos naturais presentes em sua biodiversidade. Essa visão da Amazônia torna-se prejudicial para seu desenvolvimento, pois, a mídia repassa a referida visão como uma forma exótica da população e da natureza, sem atentar para o processo histórico de formação dessa cultura, provocando a invisibilidade do povo e de suas necessidades, principalmente a de políticas públicas voltadas a área da saúde e educação (CRUZ, 2008).

A visão tradicionalista ou romântica está voltada para a preservação e descrição do modo

de vida da cultura ribeirinha, sendo o fato de suas moradias em beiras de rio ser apenas simbólico. Assim como a visão naturalista, essa visão desconsidera o processo histórico de formação desse povo. Cruz (2006, p. 04) destaca que “essa idealização vê o ‘caboclo ribeirinho’ como o ‘bom selvagem’ que ainda não cometeu o ‘pecado original da modernidade’ é como se a cultura e a história pudessem ser congeladas”. De acordo com essa visão a forma de vida dos ribeirinhos deve ser preservada a qualquer custo, negando seu contato com a modernidade, que corrompe e muda suas características de vida, o que poderá ser altamente prejudicial para a manutenção da cultura.

Em Cruz (2006), compreende-se que a visão pós-moderna, por sua vez, entrega um olhar um tanto preconceituoso, pois nesta concepção a população ribeirinha é considerada como atrasada, uma expressão do passado, como seres selvagens e que devem passar dessa forma de vida para uma vida considerada civilizada. Essas formas de ver a Amazônia precisam ser superadas, pois prejudicam na valorização dessa população acarretando diversos problemas, sobretudo a falta de políticas públicas que busquem contemplar a população com a implementação de hospitais e escolas para essas áreas distantes e carentes desses recursos. De acordo com Teixeira (2013)

As estatísticas revelam que a riqueza e a exuberância da região contrastam com a presença dos piores indicadores sociais do

país, incluindo os índices de pobreza, educação, saúde, desigualdade de gênero, mortalidade infantil e de meio ambiente. Tais desigualdades assolam as crianças e suas famílias e as impedem de viver uma infância digna e de direitos (TEIXEIRA, 2013, p.5).

Em um país diverso como o Brasil, há quem diga que a população ribeirinha é um povo desconhecido. A invisibilidade é um dos principais problemas enfrentados pelas comunidades ribeirinhas da Amazônia, um povo simples e humilde e ao mesmo tempo uma população tão rica em cultura e tão carente em relação a outras necessidades como políticas públicas fundamentais para sua sobrevivência de forma digna, sobretudo no que se refere à saúde e educação.

369

2. PESQUISA QUALITATIVA

Tendo em vista o caráter subjetivo da pesquisa, voltada para um estudo descritivo e interpretativo, optou-se pela pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa que também pode aparecer com a nomenclatura interpretativa, compreendeu as experiências vividas pela pesquisadora, as quais são essenciais para a análise e compreensão dos fenômenos que foram evidenciados, no sentido de oportunizar uma compreensão mais profunda e detalhada acerca do campo, visto que este modelo de pesquisa é mais flexível ao contexto social (TEIXEIRA, 2012).

O estudo optou pela abordagem do paradigma qualitativo descritivo, no uso da

pesquisa de campo, conforme Gil (1999) a qual o autor define que sua finalidade principal trata de descrever em detalhes as características de determinada população ou fenômeno, ou a declaração de relações entre essas variáveis.

Considerando, neste contexto, o espaço de relacionamento direto das crianças com os rios, animais, florestas, um ambiente propício à criatividade, verificou-se que, estas práticas e saberes devem ser objeto de investigação por meio da presente pesquisa, desta maneira, utilizou-se a observação não participante.

A observação se fez necessária na comunidade de Arraiol para a coleta de dados, pois, conforme Dallos (2010), a observação pode revelar o modo como as ações estão conectadas a aspectos e a mudanças no ambiente social, pode revelar o que fazem as pessoas, como elas fazem e como isso tem influência sobre o ambiente dentro do qual têm lugar suas ações.

Para o registro das informações foi utilizado na pesquisa, gravador de voz e máquina fotográfica que auxiliou na compreensão de como é valorizada a cultura infantil e como o brincar se manifesta como um processo mediador para a cultura.

Também foi utilizado na pesquisa o diário de bordo, por ser um importante instrumento que auxilia no registro de informações relevantes que podem não ser lembradas, quando não registradas. O diário de bordo registrou fatos importantes, histórias não gravadas, mas vivenciadas durante o período de

convivência com a comunidade. A pesquisa também recorreu ao recolhimento de dados por meio de fontes empíricas, quando se julgou necessário.

Participaram desta pesquisa, vinte e oito crianças de 04 a 12 anos da comunidade. Também compuseram este quadro, os pais, familiares das crianças e a comunidade. Participaram da pesquisa somente aquelas crianças que foram devidamente autorizadas pelos pais e foi atendido o princípio da livre e espontânea vontade na participação, quando estavam de acordo a pesquisa. Inicialmente, não houve uma quantidade definida de participantes dentro do universo populacional do local, já que a adesão à pesquisa se deu de forma voluntária, respeitando as condições de acessibilidade ou conveniência dos moradores (GIL, 2008).

Posteriormente, a observação *in loco*, possibilitou a apreensão dos dados, e, por conseguinte, foram selecionados os relatos a ser descritos e as imagens a serem analisadas. O *locus* de pesquisa foi a comunidade de Arraiol, localizada no Arquipélago do Bailique. A escolha do *locus* levou em consideração a autorização dos moradores da comunidade de Arraiol e as visitas ocorreram entre os anos de 2018 e 2019. O critério para a escolha da comunidade se deu com base no fato da pouca influência que a comunidade possui para com elementos urbanos, pois, nessas condições responde melhor aos objetivos da pesquisa.

A observação das crianças aconteceu, sobretudo, fora da escola, em razão da compreensão da discussão que envolve o brincar e a cultura infantil, no contexto ribeirinho. Optou-se por reduzir o universo de discussão da pesquisa, para que se pudesse dar conta dos objetivos propostos.

Para a análise e tratamento dos dados, na medida em que foram sendo colhidos, utilizou-se o método denominado Análise de Conteúdo. De acordo com Franco (2005, p. 13), “o ponto de partida da Análise de conteúdo, é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada”. Na mesma perspectiva, para Bardin (2016), no processo de tratamento de dados baseado na Análise de conteúdo, há um campo de investigação que busca compreender um saber que está por trás da superfície textual, antes vista como neutra, e agora em controvérsia, surge uma nova concepção de que em toda mensagem há um sentido e um significado.

Para uma aplicabilidade coerente do método de análise dos dados, a pesquisa obedeceu a esta sucessão de fases de análise propostas pela análise de Conteúdo em Bardin (2016) e Franco (2005), as quais, no contexto da presente investigação, viabilizam o conteúdo por meio de mensagens não verbais (imagens), obtidas por meio dos registros fotográficos e da observação não participante, através do convívio com a comunidade.

3. JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS: BRINCAR TRADICIONAL RIBEIRINHO EM ARRAIOL

Nesta seção registra-se e analisa-se os dados relacionados às práticas culturais que envolvem o brincar desenvolvido na comunidade, bem como os jogos e os brinquedos construídos pelas pessoas que a habitam. Essas práticas culturais e lúdicas que as comunidades ribeirinhas detêm, são, em sua maioria, ignoradas ou desconhecidas pela maioria da população urbana. Por isso, sua catalogação e compreensão é importante, tanto para a própria comunidade, assim como para a sociedade.

Nesse contato com a comunidade, mais precisamente, com a convivência por meio da estadia dentro da casa de moradores e no espaço de suas adjacências, foi possível observar muitas práticas culturais relacionadas ao brincar, nas quais identificou-se algumas delas ainda bastante tradicionais, que dizem respeito àquele brincar antigo, no qual os brinquedos são produzidos a partir de elementos da terra, extraídos da própria natureza, e feitos de forma manual, como por exemplo, os barquinhos confeccionados com sobras de madeira, material que os adultos retiram para construir suas casas.

Dentre esses modos de vida próprios da comunidade ribeirinha, e por se tratar de um lugar de biodiversidade muito rica e diversa,

porém, sem muitos brinquedos industrializados, as crianças utilizam de sua criatividade, criando e recriando cultura, em forma de brinquedos e brincadeiras, profissionais em exploração por natureza, criam brinquedos e brincam com elemento material que está ao seu alcance.

Vale ressaltar, o entendimento que permeia e é defendido na discussão deste trabalho, de que a brincadeira se manifesta como um espaço rico de possibilidades de aprendizagem, quando se é oportunizado a criança, experiências por meio do brincar. A partir das escolhas e da sua interação social e cultural, encontra problemas, desafios e formula soluções, sempre com auxílio dos sujeitos, dos signos e dos instrumentos que medeia os

conhecimentos adquiridos, construindo sua aprendizagem.

Dentro desses elementos, destaca-se o rio. As águas dos igarapés, se constituem como um dos principais elementos por meio do qual se cria ricas situações lúdicas, uma vez que, foi percebido como artefatos utilizado pelas crianças em suas ações do brincar. É fato que o rio, nesse contexto, possui diversas utilidades para aqueles que o habitam. Desde o meio pelo qual se transporta as pessoas, fonte de alimentos, como também um elemento do brincar. A Figura 1, ilustra um momento em que a criança se utiliza do rio, para execução de sua brincadeira corporal.

372

Figura 1- Criança brinca de acrobacias na água.



Fonte: acervo da pesquisadora (2018).

Observa-se por meio das vivências no cotidiano do grupo que a criança ribeirinha possui sua corporalidade muito aflorada. Compreende-se que essas manifestações

corporais, são favoráveis à criança e que se expressam mais vigorosamente em razão das oportunidades que o próprio ambiente natural lhe proporciona. Os registros fotográficos se

constituem indispensáveis para a compreensão acerca do brincar nesse contexto, visto que, possibilita a reflexão sobre o fato de a criança amazônica ter a facilidade de movimentar o corpo das maneiras mais exóticas possíveis, elemento lúdico que a difere das crianças de outros grupos, mais que isso, denotam sua singularidade, e as garante uma identidade concernente à sua regionalidade.

Não obstante ao uso do registro fotográfico ou das anotações, as filmagens também auxiliam na apreensão desses momentos, pois repassam o momento exato em que a criança executa sua acrobacia. A busca pelo registro de imagens ricas, traz como resposta, as significações de toda gestualidade da criança, que dentro da investigação se constituem como elementos importantes, que abrem espaço para inúmeras leituras, interpretações e detecções, se forem bem observadas, traduzidas e interpretadas. A respeito dessa sensibilidade para a compreensão do brincar corporal da criança, Piorski (2016), traz sua contribuição:

Como primeiro chão de trabalho, proponho a materialidade do brinquedo e o gesto do brincar que se fazem brincadeira ao carregar, como sustentação ou fonte de expressão, um inconsciente: os quatro elementos da natureza. Se bem observado, é possível detectar linguagens, corporeidades, materialidades e sonoridades do brincar associadas a esse inconsciente natural que mora no imaginar e, constantemente, se mostra no fazer das crianças (PIORSKY, 2016, p. 19).

É relevante ressaltar que na região Norte, não se costuma observar as quatro estações do ano, somente são bem definidos o inverno e o verão. Sendo assim, no decurso do contato com a realidade da comunidade, que ocorreu em diferentes períodos do ano, verificou-se que, sobretudo, a diferença no brincar e nos **373** brinquedos de verão e de inverno. Percebeu-se que algumas brincadeiras dependem dessas temporadas. As sazonalidades de algumas brincadeiras dependem de materiais alimentícios, como a boneca da espiga do milho e da melancia, como também os caroços, semente, etc, que são plantados na roça, em períodos determinados do ano. (Ver Figura 2).

Figura 2- Brincadeira de Curralzinho.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018).

Assim como se observa na Figura 2, as crianças brincam no chão, na terra. Desta maneira, o solo também acaba por definir de certo modo, o tipo de brincadeira a ser realizada pelas crianças, como no exemplo da Figura 2, onde se observa as brincadeiras de curralzinho, as quais as crianças preferem brincar quando o solo está seco, pois quando é inverno o solo fica permeável, formando poças de lama e como não há sistema de encanação, a água utilizada no cotidiano também vai para o solo, que misturada

às pegadas dos animais, dificulta as brincadeiras das crianças.

Outra brincadeira, pertencente à cultura das crianças ribeirinhas, é a brincadeira na lama. Um “souvenir” de sensações surgem ao observar essa brincadeira, muitas são as possibilidades que ela proporciona a criança. O registro nas Figuras 3 e 4, representam momentos de brincadeira de guerra de lama, a tentativa é a de acertar os olhos uns dos outros, esse é o propósito da brincadeira.

Figura 3- brincadeiras na lama



Fonte: acervo da pesquisadora (2018).

Ao contrário do que naturalmente os adultos possam imaginar, o brincar se constitui como a forma mais viável de a criança adquirir

Figura 4- guerra de lama



Fonte: acervo da pesquisadora (2018).

aprendizados, por meio da partilha de saberes e experiências de forma natural. Para Brito (2015):

O eixo das interações e das brincadeiras, no desenvolvimento das experiências, no âmbito da educação infantil, propicia desconstruir uma visão equivocada da brincadeira como algo para passar o tempo com as crianças, sem responsabilidade de oferecer um brincar com qualidade (BRITO, 2015 p. 63).

O brincar na lama, que para alguns também pode ser visto com olhos negativos por parecer algo anti-higiênico, sujo, por outro lado, pode também, se revelar como instrumento libertador da criança para com os seus próprios sentidos. Para Piorski (2016)

As matérias pegajosas são excelente brinquedo para libertar as crianças marcadas pela obsessão asséptica, perfeccionista. Aproximam as crianças das imagens da germinação, imagens seminais. As mãos distraídas são capturadas pelo grude, jogadas na desordem, experimentam novas provocações de fuga. Assim a repugnância aos contatos pode ser transformada em prazer amigo, deixando a pele macia e agradável quando se brinca com o grude, a cola a lama, as tinturas naturais e pegajosas. As mãos lisas ganham personalidade de destreza em se libertar do aperto, em não se deixar apanhar. O corpo se permite colar as substâncias. São metáforas de enlace amoroso. Esses brinquedos das gosmas e dos sujões criam férteis campos de imagens da entrega, confiantes (PIORSKI, 2016 p. 123).

No contexto de uma aprendizagem mediada pelas culturas infantis, convém considerar que “as aprendizagens do cotidiano não substituem as que se efetuam num contexto instituído, mas aparecem no conjunto dessas contribuições como bases da atividade dos sujeitos. O sujeito que aprende é, em primeiro lugar, um sujeito epistêmico”. Isto é, sua relação com os saberes, são também uma relação de si

para com o outro, além disso, o ser humano é um analista crítico e reflexivo em torno da natureza e do conhecimento humano sobre o saber científico, ou seja, aquilo que é considerado verdade (BROUGÈRE; ULMANN 2012 p. 6).

Acerca dessa hierarquização de saberes, Brougère e Ulmann (2012, p. 6) colocam que “o mundo comum constitui então um espaço de aprendizagem muitas vezes ignorado. Apesar de encerrar recursos numerosos e variados para a compreensão do mundo que nos constrói socialmente e que nós construímos em nossas relações com o outro”. De fato, muitos saberes cotidianos são encurralados, reduzidos pelo próprio ser humano, por não serem entendidos, e assim, julgados de maneira errônea.

Ainda no contexto do brincar que envolve o aprendizado sensorial, outra brincadeira também realizada com o mesmo elemento, é a de se fazer comidinhas com a lama. As crianças partilham desse elemento, e utilizam-se de sua imaginação e criatividade, para suas criações. O tato representa um importante instrumento nessa relação, pois possibilita um estímulo à sua experiência sensorial.

Em suas brincadeiras com a lama, surgem bolos, bonecos, tigelas, os objetos são quase sempre alimentos (Ver Figura 5 e 6). Brincam misturados, meninos e meninas, mas as meninas são quase sempre as mais interessadas. Os matinhos podem ser temperos, enfeites ou acompanhamentos. Pedacos de madeira se transformam em velas, pequenas frutas ou folhas

viram coberturas. Os caroços e sementes também podem cumprir essa função. Conforme Piorski (2016) afirma

a criança, essa criatura, por excelência tátil, tem olhos nas mãos. Só quase sabe ver com as mãos, ver com os olhos não lhe basta,

pois, o campo de repercussões por ela almejado é das mais recuadas impressões corpóreas. A tatilidade é seu mais poderoso recurso imaginador, a porta do vínculo onírico com tudo. Pela tatilidade, ela não apenas vê como também ouve e empenha diálogo com os materiais. A criança os entende em sua profundidade. Descreve-os em seus detalhes (PIORSKI, 2016 p. 109).

Figura 5- Bolo de lama.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018).

Piorski (2016, p. 19), por investigar “a imaginação do brincar da criança, por meio de suas produções material, gestual e narrativa” ajuda nesta compreensão, na medida em que, traz à tona, os quatro principais elementos disponibilizados pela natureza, que proporcionam essa interação com criança.

Dessa maneira, ao tratar dos instrumentos materiais advindos diretamente da natureza, da

Figura 6- Bolinhas de lama.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018).

terra, que têm essa íntima relação com o ato de brincar, Piorski (2016, p. 19) afirma que “a materialidade do brincar (água, terra, fogo e ar) abre caminhos que desembocam na substancialidade do imaginar. As matérias da brincadeira alcançam os sentidos da criança como o arco, as cordas do violino”. Dessa maneira, o brincar produz efeito a partir desse encontro, um abastado espectro de impressões e

sentidos, que estimulam a imaginação (PIORSKI, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo discutiu o brincar tradicional e suas contribuições para as culturas infantis ribeirinhas da comunidade de Arraiol na Amazônia Amapaense. Ao investigar as contribuições do brincar como mediação da cultura infantil ribeirinha, vivenciada pelas crianças do arquipélago do Bailique, os dados indicaram que este contribui de maneira significativa, uma vez que os saberes locais são construídos e transmitidos pelos adultos no cotidiano da comunidade e refletidos por meio do brincar das crianças.

As análises ampliaram essa compreensão, pois foi possível evidenciar que o brincar livre, de caráter exploratório, promove aprendizados expressivos, a partir do avanço das experiências cotidianas, pelas quais, a criança tem a oportunidade de fortalecer o imaginário, experienciar, categorizar e ressignificar situações e conhecimentos, por meios dos elementos mediadores provenientes do contexto social e de suas interações.

Os dados apresentados possibilitam concluir que, no cerne de uma mesma cultura, as crianças brincam com temas próprios de seu contexto cultural, e que o brincar se constitui como um eixo pelo qual perpassam diversas situações de aprendizagem dos saberes locais, é

também uma forma de mediar a cultura infantil ribeirinha, uma vez que, é por meio dele que as crianças manifestam seus saberes, trocam conhecimentos aprendendo umas com as outras, e ainda, ressignificam os saberes aprendidos em seu meio cultural, em uma rica construção de suas culturas infantis. Os dados indicam ainda, que o brincar da terra se faz presente no cotidiano da comunidade. Também apresentam índices de que os jogos, brinquedos e brincadeiras tradicionais dos ribeirinhos sofrem modificações ao longo do tempo, mas ainda são formas de mediar o processo de aprendizagem da criança intermediados pelas culturas infantis, as quais são características da comunidade ribeirinha que permeia ações através de artefatos sociais e culturais.

Entende-se que o ato de brincar funciona como um elemento de mediação nas contribuições dos jogos, brinquedos e brincadeiras na constituição das culturas infantis do contexto investigado. Ao longo da análise dos dados constatou-se, que a mediação propiciada pelo ato de brincar possibilita uma aprendizagem profunda e significativa, agregando o brincar à edificação do conhecimento, especialmente no aprendizado de saberes cotidianos. Compreende-se que tais experiências podem fazer parte de uma proposta diferenciada de educação, distante daquela tradicional, na qual o conteúdo é descontextualizado ou afastado da realidade social da criança, esta proposta de educação por sua vez, traz um desenvolvimento integral da

infância, o qual pode ser trabalhado por meio do brincar.

REFERÊNCIAS

- BROUGÉRE, Gilles; ULMANN, Annelise (Orgs). **Aprender pela vida cotidiana**. Tradução de Antonio de Padua Danesi. Campinas, SP: Autores associados, 2012.
- BRITO, Ângela do Céu Ubaiara. **Práticas de mediação na educação infantil**. Jundiaí. Paco editorial: 2015.
- CARVALHO, Levindo Diniz; SILVA, Rogério Correia da. **Infâncias no campo: brinquedo, brincadeira e cultura**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 29, jan-abr. 2018, pp. 189-212. Disponível em: <www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/childhood/article/download/30364/22948> Acesso em 15 ago 2018.
- CRUZ, Valter do Carmo. **R-existências, territorialidades e identidades na Amazônia**. Goiânia, 2006. Disponível em: <https://territoriosresistencia.files.wordpress.com/2016/03/valter_carmo_cruz_r-existencias-territorialidades-identidades.pdf> Acesso em: 05 de setembro, 2017.
- _____. O Rio Como Espaço de Referência Identitária: reflexões sobre a identidade ribeirinha na Amazônia. In: TRINDADE JÚNIOR, S. C. (Org.); TAVARES, Maria Goretti da Costa (Org.). **Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências**. 1. ed. Belém: EDUFPA, 2008. P 49-69.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LIMA, Deborah de Magalhães. Ribeirinhos, Pescadores e a Construção da Sustentabilidade nas Várzeas dos Rios Amazonas e Solimões. In: **Boletim Rede Amazônia: Diversidade Cultural e Perspectivas Socioambientais**. Ano 3, n. 1, 2004.
- MORAIS, M. L. S; OTTA E. Entre a serra e o mar. In: CARVALHO, A. M. A; Et al. Organizadores. **Brincadeira e Cultura: viajando pelo Brasil que brinca**. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003. P. 127-57.
- NEGRINE, A. S.; NEGRINE, C. S. **Educação Infantil: pensando, refletindo, propondo**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.
- OLIVEIRA, Paulo de Sales. **O que é brinquedo**. 2ª ed. Editora Brasiliense. 1984. Coleção Primeiros passos.
- PIORSKI, Gandhy. **Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016.
- REIS, Daniela Castro dos. et al. **Um estudo descritivo das brincadeiras em uma comunidade ribeirinha amazônica**. Temas Psicologia. Online. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000400006> Acesso em: 29 Ago, 2017.
- ROJAS, Jucimara; FERREIRA, Francys Marizethe N. Santana. **Cultura lúdica formativa para diferentes etnias na região do Pantanal/Aquidauana/MS**. Universidade

Federal de Mato Grosso do Sul /UFMS, 2013.
Disponível em:
<https://www.pucsp.br/webcurriculo/edicoes_anteriores/encontro-pesquisadores/2013/downloads/anais_encontro_2013/oral/franchys_marizeth_nascimento_santana_ferreira_jucimara_rojas.pdf>. Acesso em 5 set 2018.

SILVA, Claudete do Socorro. **Brinquedos de Miriti:** educação, identidade e saberes cotidianos. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade federal do Pará, Belém, 2012. Disponível em:
<http://ccse.uepa.br/ppged/wpcontent/uploads/dissertacoes/06/claudete_do_socorro_quaresma_da_silva.pdf> Acesso em: 2 fev. 2018.

TEDESCO, Elisangela Da Silva França. **Infância pantaneira:** a percepção de mundo e a constituição de identidade das crianças ribeirinhas. Cáceres-MT, 2016. Disponível em:
<http://portal.unemat.br/media/files/PPGEdu/Dissertacoes/Defendidas_2016/Elisangela_da_Silva_Franca_Tedesco.pdf > Acesso em: 05 de setembro, 2017.

TEIXEIRA, Sônia Regina dos Santos. **A relação cultura e subjetividade nas brincadeiras de faz de conta de crianças ribeirinhas da Amazônia.** 36ª Reunião Nacional da ANPEd – Goiânia-GO, 2013.
<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt073369texto.pdf> Acesso em: 02 Ago 2017.

ⁱ Mestra em Educação, pertencente a linha de Pesquisa de Educação, Culturas e Diversidades, do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. (2019). Especialista em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas - FATECH (2018). Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amapá - UEAP, (2017). Atualmente trabalha como Supervisora Pedagógica na Empresa SENAC - AP.

ⁱⁱ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo-USP (2013), Mestre em Direito Ambiental e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Amapá- UNIFAP (2008) e graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá- UNIFAP (1999). Líder do Grupo de Pesquisa Ludicidade, inclusão e Saúde (LIS). Membro do Grupo de Pesquisa Contextos Integrados de Educação Infantil, da Faculdade de Educação da USP (FEUSP). Coordenadora do curso de Especialização em Gestão Escolar da Universidade do Estado do Amapá. Avaliadora de projetos educacionais a nível de extensão e especialização do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC). Atualmente é professora da Universidade do Estado do Amapá, atua no Colegiado de Pedagogia (UEAP). Coordenadora dos Projetos de Extensão Formação do Educador da Infância (início em 2015).
Coordenadora da Brinquedoteca e do Laboratório Tenda Educativa de Jogos: Brincar e aprender com a Luz da Universidade do Estado do Amapá.

ⁱⁱⁱ Miritizeiro é o nome popular da árvore, assim como aчуal, aguaje, buriti, palmeira do brejo, palmeira-buriti. Seu nome científico é *Mauritia Flexuosa*. A árvore é uma Palmeira que possui de 20 a 40 metros de altura. Abundante nas matas ciliares, várzeas e margens dos igarapés da Região Amazônica. O vegetal tem várias utilidades porque tudo nele é aproveitável. Fornece palha para cobrir cabanas; broto ou grelo para produzir envira, fibra que serve para tecer maqueiras (redes artesanais), tapetes e bolsas; a tala tirada das folhas serve para fazer paneiros tipitis, cestos, balaies e, ainda, brinquedos de formas variadas.

Recebido em: 28/07/2019.

Aprovado em: 26/11/2019.

Publicado em: 31/01/2020.

NOTAS